



*Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser*

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

### ARIEL FARAON

**Marcos Roberto Inhauser**

A história bíblica é bastante envolvente em sua trama. Um povo que havia escapado da fome por instrumentalidade de um estrangeiro (José), tem um governante que se esquece da obra por ele feita há tempos e preocupa-se com o crescimento deste povo em suas terras. Decide praticar o genocídio, mandando matar todos os meninos nascidos. As parteiras não obedecem a ferro e fogo a ordem do Faraó, e um dos salvos, Moisés, por estratagemas da mãe, acaba adotado pela filha de imperador.

Crescido e instruído na corte, este hebreu se solidariza com o sofrimento do seu povo e tenta, por suas próprias mãos resolver o problema, matando dois soldados egípcios. Teve que fugir. Depois de quarenta anos de vida no deserto, volta pedindo a libertação do seu povo. Encontra um Faraó ainda obstinado em perseguir, oprimir e exterminar o povo que no território vivia. De nada adiantaram as muitas palavras de Moisés, de Arão, os sinais e prodígios feitos. Ele era um obcecado pela ideia de explorar ao máximo os intrusos.

Foram necessárias dez pragas, a última delas sendo a morte de todos os primogênitos, para que o Faraó acedesse ao pedido. Mas seu coração endurecido e sua atitude arrogante o levaram a voltar atrás e mandar seu exército em busca do povo a quem havia autorizado que saísse. Os carros e os soldados, narra a história bíblica, morreram afogados no Mar Vermelho logo após a passagem a pé seco pelo leito marítimo.

Um Faraó obstinado e obcecado pela ideia de um povo que não merecia ser tratado com justiça, que ali estava porque havia se aproveitado de um momento de necessidade da nação. Um genocida, disposto a reduzir ao mínimo suportável o número dos intrusos.

Arrogância, determinação assassina, mente genocida, promotor de massacres, endurecido de coração. Assim era o Faraó. Nem a perda de seu próprio primogênito o amoleceu.

Esta história precisa ser repetida todos os anos quando se celebra a Páscoa, como forma de ensinar as crianças e recordar os adultos que estas coisas não podem mais acontecer.

Mas a impressão que tenho é que o primeiro-ministro de Israel não conhece esta história. Ou se a conhece, não a aprendeu a colocar em prática na sua vida. Ao invés de se solidarizar com os seus antepassados que sofreram a escravidão e o massacre de crianças no Egito, procurando com que isto nunca mais aconteça, o senhor Ariel parece que se encantou com a figura de Faraó e lhe segue os passos. Tanto quanto o antigo imperador egípcio, também é arrogante. O mundo está a lhe criticar os atos e atitudes e ele se mantém irredutível. Se Faraó teve que suportar dez pragas por causa da sua obstinação, este seguidor de Faraó já enfrentou mais pragas (atentados) que o antigo e nem mesmo assim percebeu que o caminho da retaliação e da vingança não leva a lugar nenhum.

Se o antigo Faraó produziu o massacre das crianças recém-nascidas, o novo já massacrou em Sabra, Chatila e Jenin.

Se é verdade que a história é mestra, esperemos o dia em que este Faraon dê com os burros na água, afogando seu exército e descubra que se Deus deu a terra e ele e seus patrícios, é Deus quem a dará e não um homem de mão cheias de sangue, mesmo porque no monte do Senhor só entra quem tem as mãos limpas e o coração puro....